

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A prevenção do delito de consumo e tráfico de drogas junto a jovens na cidade de Araraquara.

Caccia-Bava, Augusto.

Cita:

Caccia-Bava, Augusto (2009). *A prevenção do delito de consumo e tráfico de drogas junto a jovens na cidade de Araraquara. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/268>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbW/TOT>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A prevenção do delito de consumo e tráfico de drogas junto a jovens na cidade de Araraquara.¹

CACCIA-BAVA, Augusto²

RESUMO:

A prevenção do delito de consumo e tráfico de drogas junto a jovens, na cidade de Araraquara, Estado de São Paulo envolve inúmeros aspectos políticos, culturais e pedagógicos. Para abordá-los partimos de algumas premissas: 1º, a capacidade política das autoridades municipais em superar a cultura da criminalização e redirecionar intervenções estatais para o trabalho preventivo; 2º, a disposição cultural de grupos de adolescentes e jovens em superar experiências delituosas; 3º, a compreensão familiar dos danos que podem decorrer da dependência a drogas chamadas pesadas, em especial crack e cocaína. Por fim: 4ª- a capacidade dos próprios jovens estudantes do ensino médio e universitário, de construir alternativas culturais e políticas à prática de consumo de entorpecentes ilícitos. Pesquisa realizada junto a jovens, através da identificação de boletins de ocorrência de pessoas nascidas desde 1988, com flagrante de porte, consumo e tráfico de entorpecentes revelou que os identificados em atividades delituosas são, em sua quase totalidade, estudantes, masculinos e de etnia branca. As suas experiências, definidas legalmente como

¹ Este trabalho é parte integrante de uma pesquisa intitulada “Avaliação de experiências de prevenção de delito na cidade de Araraquara” do Grupo de Pesquisa “Segurança Urbana e Prevenção de Delito” CNPq-UNESP. Integra tema de pesquisa do PPGS-FCLAR-UNESP.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade Estadual Paulista – UNESP. E-mail: augusto@fclar.unesp.br

delituosas, chegam a configurar contextos de violência urbana. Entrevistas junto a jovens reincidentes, ou seus familiares permitiram configurar aspectos contraditórios sobre perspectivas de convivência pacífica de moradores de uma mesma cidade. Indica-se, ao final, possibilidades de formação de uma nova referência cultural, que permitiria enfrentar a cultura do narcotráfico como uma das conseqüências da criminalidade instituída.

1. INTRODUÇÃO

A prevenção do delito de consumo e tráfico de drogas, junto a jovens, na cidade de Araraquara envolve premissas como: 1º) uma capacidade política institucional de intervir, das autoridades vinculadas ao Poder Judiciário - Juizado da Vara da Infância e Juventude e Promotoria; 2º) A existência de um programa nacional de prevenção de violência, porte de armas e tráfico de drogas, aqui sob a responsabilidade do comando do 13º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo, unidade subordinada à Secretaria Estadual de Segurança Pública do Governo de São Paulo; 3º) Programas estatais locais de prevenção de consumo de drogas e programas de instituições filantrópicas, associadas ao Poder Executivo da cidade.

As experiências governamentais locais se associam a programas governamentais e filantrópicos locais, de atenção a adolescentes e jovens em situações consideradas especiais. Esses programas passam por avaliações periódicas, em especial, quando ocorre mudança de governo. É o caso do presente ano. Há uma 4º premissa: as autoridades públicas pouco se associam à busca de superação da criminalização de grupos que integram bairros periféricos pobres da cidade. O trabalho preventivo não corresponde à proporção da identificação da quantidade de delitos registrados. Seu caráter é predominantemente normativo.

É ausente das intervenções preventivas o envolvimento familiar na prevenção de danos, quando se configura a dependência a drogas chamadas pesadas, em especial crack e cocaína.

2. METODOLOGIA

Nossa metodologia envolveu o levantamento dos boletins de ocorrência, junto ao 13º Batalhão da Polícia Militar, que permitiu identificar 274 adolescentes e jovens, nascidos desde 1988. Quando crianças, desde os 10 anos, integraram, já em 1998, práticas pedagógicas preventivas, como o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência - Proerd. Trabalhamos com dados primários da corporação militar em interlocução com soldados – homens e mulheres – que atuam

nessas escolas. Analisamos o perfil da reincidência identificada e nos surpreendemos em saber que 90% dos jovens reincidentes, qualificados como autores de delitos estavam privados de liberdade: presos, ou internos na Fundação Casa, unidade estatal de contenção de menores, por determinação judicial. Buscamos realizar entrevistas com adolescentes e jovens, em liberdade, no interior da Vara da Infância e Juventude, sem a participação dos militares que nos assistiram no início.

3. RESULTADOS PRELIMINARES

3.1. As referências empíricas objetivas

O perfil urbano objetivo desses adolescentes e jovens, a partir dos dados recolhidos em Boletim de Ocorrência, dos anos de 2003 a 2008 permitiram caracterizar a experiência delituosa presente, que chega a configurar contextos de violência urbana: tráfico de drogas, assaltos e agressões. Os seus autores são adolescentes e jovens, masculino (99%); de cor branca, estado civil solteiro; profissão: a quase totalidade estudante. O tipo de drogas apreendidas: predominantemente maconha, mas significativamente crack e cocaína, chegando a algo em torno de 30% junto aos reincidentes. Quatro são os bairros de maior ocorrência: Jardim Brasil, Jardim América, Selmi Dei e Santana. As abordagens: predominantemente por patrulhamento das ruas ou denúncias de moradores. O local de moradia desses estudantes coincide com o local da formação escolar. Para a compreensão da subjetividade adolescente e juvenil iniciamos entrevistas com jovens autores, reincidentes de delitos urbanos e moradores dos quatro bairros de maior ocorrência de delitos. Elas nos permitiram a identificação, afirmativa ou negativa, das possibilidades de formação cultural juvenil, com vistas a enfrentar a cultura do narcotráfico, como uma das conseqüências da criminalidade instituída, como também da projeção de políticas alternativas de segurança urbana, envolvendo a Polícia Militar. Isso em correspondência à nossa quinta premissa: há uma disposição subjetiva de grupos de adolescentes e jovens, em superar manifestações delituosas.

3.2. Tornar subjetivo o que se apresenta objetivamente

As primeiras falas que sintetizamos, chegaram de A. Com 19 anos, vive com a mãe, num bairro coberto de experiências violentas: Jardim América. Trabalha como pintor, intermediado por empreiteiro. A mãe de 39 anos trabalha numa loja de produtos veterinários para cães. Para ele, a cidade melhorou de um tempo para cá, pois antes tinha mais roubo e tráfico. Desde o início do ano, dez conhecidos seus foram presos, só no seu bairro. Ele foi preso, recentemente e ficou dois

dias na cadeia; parou com a prática de delitos, em respeito à mãe, que viveu constrangimentos, que passam todas as mães, ao chegarem a Penitenciária. Ainda menor, foi recolhido na Fundação Casa e lá estudou com uma professora, que havia sido sua professora na escola de ensino regular. Para ele “estudante é aquele que de fato estuda”. Valoriza duas atividades profissionais: de trabalhador na indústria de usinagem de peças para aviões e de mecânico.

Entrevistamos E., que tem 19 anos, mora com a mãe e o padrasto. Seu pai vive no Estado do Mato Grosso e só o viu uma vez, quando viajou para lá. Seu padrasto é um super-homem, com o qual convive bem. Estão terminando de construir casa em outro bairro da cidade. A família vai mudar da atual porque é alugada. Nesse novo bairro vive sua avó, com o seu sobrinho, de 09 anos, filho de sua irmã, de 22 anos, que está cumprindo pena na Penitenciária de Araraquara, faz três anos. Ele tinha 11 anos quando participou do Proerd, na 4ª série da escola que freqüentava no Jardim América. Sobre a cidade, a considera tranqüila por que tem bastante policiamento: “na cidade não falta nada”. Sua relação com os jovens do bairro é quase inexistente, ficando em casa o dia inteiro se comunicando com amigos, pelo computador, via MSN. Trabalha já em manutenção de computadores em residências, enquanto faz curso de computação pago pelo padrasto.

Entrevistamos Al., com 20 anos - há dois meses e dois dias em liberdade condicional. Teve duas passagens pela Febem, por assalto e uma terceira por tráfico de entorpecentes, o que levou à sua prisão. Já maior de idade, esteve por mais um ano e oito meses, na Penitenciária, de outra cidade - Pirajuí. Quando tinha 11 anos integrou-se ao Proerd, do qual participou integralmente. Não trabalha, não estuda, acha o bairro tranqüilo. Gostaria de trabalhar com mecânica e, se houvesse um curso profissionalizante participaria, porque gosta de carro. Tem um primo que está identificando a possibilidade de um emprego de pintor ou ajudante de pedreiro. Vive com o avô, tios, tias, primo e mulher do primo. A residência tem quatro quartos e só o primo trabalha. A tia e o avô são aposentados. Pretende concluir a educação formal à noite e trabalhar de dia. A violência na cidade diminuiu: “Ninguém mata ninguém”.

Ouvimos a mãe de A. N., com 17 anos. Veio representar o filho, que está na Fundação Casa. Seu primeiro envolvimento foi com droga, com 08 anos, quando um vizinho a ofereceu. Frequentou o Proerd, a escola, até ser encaminhado para a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – Febem -, onde continua estudando. A família mudou-se de Maceió (capital do estado de Alagoas, no Nordeste brasileiro), em 2000, já com os dois filhos. Separada, casou-se novamente e com o atual marido tem mais três filhos. Agora acha que a cidade é muito violenta, com intenso tráfico. Os filhos pequenos também estudam, o mais velho interrompeu os estudos na 7ª série e, hoje, não estuda nem trabalha. O marido está afastado, quase se aposentando e ela trabalha como diarista. A. foi internado na Fundação Casa, pela 4ª vez; nas duas primeiras recebeu bastante apoio

dela. Mas, hoje é a avó que o visita; ela se afastou por contrariedade, na sua última internação, decisão transmitida a ele. Ele roubou para comprar maconha. Ela contou que frequentou um grupo de mães que ouvia palestras sobre droga e tráfico, mas se cansou do discurso. Os primeiros delitos cometidos pelo filho foram: em 2003, com 13 anos, danos na escola; em 2004 danos na escola; em 2005 ameaça na escola; em 2005, de novo na escola: desordem; em 2005, nova desordem e desobediência; em 2005: outra desordem e perturbação. Em 30 de dezembro de 2005 o primeiro roubo, num bar, com 14 anos – com emprego de arma. Roubou para comprar um vidro para janela da casa da mãe, que ele tinha quebrado. Em 2008 praticou roubo de um bar, com arma, levando R\$ 100,00.

Ouvimos C.J. – Tem 15 anos. Interrompeu estudos na 5ª série. Sua mãe o retirou da escola, porque vivia faltando e dizia não gostar da escola. Todos os amigos moram no mesmo bairro – Jardim América. Pretende voltar a estudar, gosta de jogar bola. Gostaria de jogar bola, profissionalmente, ou ser instrutor de capoeira. Frequentou curso de capoeira em outro bairro, o Jardim das Hortênsias. Frequentou curso de eletricitista na escola profissionalizante do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI. Foi detido no bairro Jardim Pinheiro, por tráfico de droga, duas semanas antes da entrevista. Alega inocência e se considera vítima de agressão policial. A polícia não encontrou droga com ele. Tinha audiência agendada com o juiz, no dia em que deu entrevista e imaginava seguir para regime de Liberdade Assistida. Participou do Proerd e não gostou do curso, porque o programa só tratava do tema da droga, dos males da droga, quando ele tinha 13 anos. Só frequentava esse programa por não ter alternativa de evitá-lo. Mora com a mãe, o padrasto, a irmã e quem sustenta a sua casa é a mãe, que trabalha como doméstica; o padrasto como mestre de obra. Tem um irmão que mora no bairro Jardim das Hortênsias. Nem ele e nem os irmãos estudam.

3.3. Experiências urbanas dos jovens detidos

Pudemos caracterizar a experiência urbana dos jovens detidos, através de seus depoimentos, registrados nos boletins de ocorrência policial e perante o Juizado da Vara da Infância e Juventude de Araraquara. Isto é, de suas manifestações ainda em liberdade. Assim, **E. M.** (16 anos) foi surpreendido por policiais como portador de crack para consumo de terceiros, em 26 de novembro de 2005. Em depoimento à promotora narrou que o local é conhecido como Boca do Rosangelo Rossi. Depois de detido, o tráfico prosseguiu no mesmo local. Com ele, um maior de idade foi detido, com 43 pedras de crack. Na casa que frequentavam havia mais 44 pedras de crack. Enquadrado pela lei de entorpecentes foi encaminhado para medida sócio-educativa (ECA). O

maior que o acompanhava foi indiciado por ato de corrupção de menores e aliciamento para tráfico. E.M. é um atleta, segundo a promotora que encaminhou sua avaliação ao juiz, que se dedicou à prática esportiva de boxe, pugilismo, por um tempo, quando morava em São Paulo. Reconhece a infração grave, por ter associação com o tráfico de entorpecentes. Como havia antecedentes, propôs seu encaminhamento a Casa de Custódia Provisória, para promover sua proteção da rede de criminalidade. Naquele novembro de 2005 recebeu treinamento nessa modalidade esportiva, viajou à Inglaterra para lutar, em Liverpool, com 16 anos. Venceu. Campeão infantil, e campeão brasileiro de cadetes. Já interno na unidade de menores foi convidado para participar de evento pugilístico em Buenos Aires, em 15 de dezembro de 2005. O pedido foi indeferido. O exame de toxicologia que havia feito em 28 de novembro de 2005 teve resultado positivo. O jovem teve identificado cocaína no sangue.

Quando procurado com convite para participar da pesquisa não foi encontrado. A notícia era que E.se encontrava na Penitenciária de Araraquara.

A história de R.J.M. é outra. Com 15 anos realizou o primeiro furto, sendo apenas advertido. Em fevereiro de 2008 foi preso por porte de entorpecente; 14 dias depois foi detido por tráfico de entorpecente, quando declarou ser usuário de maconha. Tinha contato com traficantes. Mora na cidade, desde seu nascimento e vivia com sua mulher, com quem teve um filho. Não trabalhava, não declarou ter habilitação profissional. E não estuda, tendo frequentado a escola até a 8ª série do Ensino Fundamental. Era usuário de drogas, consumindo maconha desde 2002, com 12 anos de idade. Nunca esteve internado para tratamento. Hoje está preso na penitenciária de Balbino.

E também de D. N., que nasceu em 1991. Sua primeira ocorrência foi em 2005, por agressão, com faca, aos 14 anos. “Estava brincando de queimada na rua e a vítima, maior de idade, o provocou na esquina. Provocado foi buscar uma faca de cozinha”. Tem três irmãos, também detidos, um deles irmã. Avaliação da promotora é que integrava *núcleo familiar comprometido*. Em 2007 foi preso por furto de fios de cobre. Já não estudava e não trabalhava. Nova sentença por liberdade assistida, por um período de três meses. E, lá não compareceu. Nova busca, não localizado, até 2008 com novo B.O. por consumo de maconha. Mais seis meses de L.A. Em sua casa muitos aparelhos eletrônicos, muito dinheiro.

3.4. Jovens desaparecidos para os poderes públicos

Outro jovem experiente de tragédias familiares é **N.F.S.** Nascido em 1989. Em 2006 teve um B.O. por porte de droga (crack e cocaína), com 17 anos. Morou com a mãe até os seis anos,

quando essa morreu. Não conheceu o pai e foi morar com a tia. Cursou até o 1º colegial, curso de informática. A droga, segundo seu depoimento era para ele mesmo. Como era réu primário foi encaminhado para Liberdade. Assistida. Não compareceu e não foi mais localizado.

Outro desaparecido dos horizontes cívicos públicos é **G.G.** nascido em 1990. Em 2005 furtou bicicleta, com 14 anos. A dona da bicicleta o viu na rua e chamou a polícia que o encaminhou para delegacia. Sentença: prestação de serviço à comunidade no projeto de ressocialização - Reintegra Brasil. Segundo relatório das educadoras desse projeto ele foi considerado como tendo atitudes infantis. Não voltou ao projeto. Em 2006, detido por tráfico. O jovem, já com 15 anos declarou que a mãe estava presa por tráfico de drogas. Foi reinternado na Fundação Casa, onde ficou detido por quebra de sentença. Depois, em 2007, roubou um posto de gasolina. Sentença: retorno à Fundação Casa. Lá, as educadoras e educadores o qualificam como tendo bom humor, bom comportamento, excelente aluno, participativo, e interessado. De volta ao regime aberto da L.A., não cumpriu nova medida. Esta desaparecido, até hoje.

3.5. Reconhecido traficante

O jovem **R.M.J.** – 21 anos, tem 15 ocorrências policiais. Nasceu em 1988, em 2004 teve o primeiro B.O., por furto (15 anos). Em depoimento declara viver nas ruas, longe da família; não frequenta escola, não trabalho e não justificou a origem dos recursos que portava. Sentença: antiga FEBEM. De lá segue para L.A. Em 2004 é detido por dirigir sem habilitação, ainda menor de idade. Em 2005, por furto de carro; negou culpa e reconheceu consumir maconha; mais seis meses de L.A. não cumpridas. Quarto B.O., em 2005, furto e porte de entorpecente. Em 2004, detido por tráfico de drogas. Nega culpa e responsabiliza polícia por simulação de provas. Mais seis meses de L.A. Não cumpre sentença, tem medida prorrogada por mais quatro meses. Não cumpriu. Em 2006 é encaminhado para regime fechado na Febem. Em 2007 sai e retorna ao regime de L.A., quando alcança maioridade. Está em liberdade. No bairro de Santana, tem pontos de tráfico, e ele é um dos responsáveis maiores. Bem conhecido pela polícia e conhecido pelos profissionais da Vara da Infância. Procurado para dar entrevista, assinou a confirmação do convite, mas não compareceu.

4. CONCLUSÕES PRELIMINARES

4.1. A cidade é mal reconhecida pelas famílias, pela ausência de referências públicas de segurança.

- 4.2. A freqüência a ambientes com pessoas que tinham delitos mais graves os fez, possivelmente, integrarem-se a uma rede maior de ilegalidade.
- 4.3. Consumidor de crack e cocaína não cumprem medidas de L. A.
- 4.4. Ao nos aproximarmos de adolescentes e jovens autores de delitos urbanos, em especial, de porte e uso de entorpecentes ilícitos, ou de porte de armas, nos encontramos diante de manifestações subjetivas juvenis que correspondem a uma escassa compreensão do significado de Estado, de grupo familiar e de classes sociais. Jovens que não reconhecem a distinção entre ação legal e ação delitiva, entre legalidade e ilegalidade, estão distantes da capacidade intelectual reflexiva sobre o significado do Estado, da cidadania e da existência da autoridade pública, como mediação de direitos constituídos. Independente de praticarem delitos ou não.
- 4.5. Os conhecidos jovens traficantes podem ser importante referência para reversão do processo, com projetos de prevenção de delitos. Em especial, se forem considerados pelos pesquisadores e pela própria polícia como estudantes.
- 4.6. É possível refletir sobre prevenção de delitos com base na experiência da política sanitária de redução de danos.

Referências:

- CACCIA-BAVA, A. Sobre políticas locais de seguridad para jóvenes. In: Revista Temas Sociológicos, n.11. Santiago de Chile: Universidad Católica, 2006, p. 337-354.
- _____ Direitos civis dos jovens e insegurança urbana. In: Estudos de Sociologia, n. 17, 2º sem. 2004, p. 41-64.
- CARIA T. (org) Experiência etnográfica em Ciências Sociais. Porto: Afrontamento, 2003.